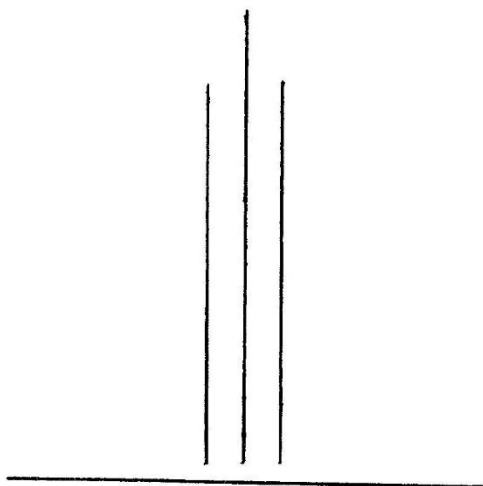


UM SANTO DOS NOSSOS DIAS

UM BARBOSENSE ILUSTRE





ÍNDICE:

Apresentação Pe. Antônio Galioto.....	1
Dados bibliográficos de José Felix Gedoz.....	1
Santos e Santidade.....	3
A Família.....	5
Imigrantes Suíços.....	8
Igreja - Comunidade - Participação.....	10
Ministro da Agricultura.....	14
O Minifúndio.....	18
Promoção dos Irmãos.....	20
José F. Gedoz - O Cooperativista.....	23
Político Atuante.....	28
Leite e mais Leite.....	31
A Morte de um Justo.....	34

APRESENTAÇÃO

Desde muito possuo uma grande estima e veneração para com José Felix Gedoz e por isto vou tentar esta biografia.

Ainda que a vida passada na simplicidade de um agricultor, não possua feitos e material para uma grande biografia, José F. Gedoz tem uma bagagem de atitudes e realizações que merecem ser divulgadas e imitadas.

Entre os dados biográficos e as atividades sociais, religiosas de José F. Gedoz, procurarei fazer ver e sentir como este homem foi pioneiro em muitas cousas e como se antecipou até em certas cousas ao que hoje se prega a nível de Igreja, bem como a nível de corresponsabilidade na comunidade política, e organização social. Por isto os dados estão intercalados, um pouco com minhas idéias, um pouco com a atualidade da nossa região e do nosso Estado.

Pretendo também apresentar alguém que sem estudos, mas unicamente levado por um ideal de amor e ajuda ao próximo, muito fez em favor dos agricultores e que por isto pode servir de modelo para os que sendo bons, tem medo de sair do seu egoísmo e fazer alguma coisa em favor dos irmãos de caminhada. Queira Deus que esta biografia simples e despretenciosa, faça surgir muitos outros Josés F. Gedoz, em todas as nossas comunidades rurais, que muitas vezes estão paradas por falta de lideranças.

Pe. Antônio Galioto
Escritório Paroquial
95.185 - Carlos Barbosa - RS.

DADOS BIOGRÁFICOS DE JOSÉ FELIX GEDOZ

Filho de Feliz Benjamim Gedoz, imigrante suíço, e de Sophia Sauthier nasceu no dia 08 de julho de 1894. Casou com Ernesta Angela Maffassioli de cujo casamento resultaram 7 filhos.

Faleceu em sua residência, na capela do Torino, Carlos Barbosa, no dia 14 de junho de 1978 e está sepultado no cemitério da comunidade do Torino.

SANTOS E SANTIDADE

De caso pensado, quero apresentar um simples agricultor, um esposo e pai de família com o título de "SANTO".

Infelizmente, esta palavra "SANTO" perdeu o seu sentido original que S. Paulo dava a todos os cristãos que testemunhavam o Evangelho, como em Filp. 4,21; Colss. 1,2 e outros. Com o andar dos séculos, este título, ficou restrito a um pequeno número de cristãos privilegiados, que deram sim testemunho do Evangelho, mas de uma forma extraordinária e que por isto, são propostos, pela Igreja, à veneratione de todos.

Pessoalmente, tenho uma série de reservas contra esta última colocação, tacitamente aceita por todos, ainda que não levada a um debate público, nem entre pessoas categorizadas. Simplesmente, cala-se e aceita-se! Não pretendo desmerecer os Santos Canonizados. Acredito que são santos, mas acho uma lamentável distorção! E explico:

1 — Praticamente são canonizadas pessoas que pertencem a uma classe privilegiada na vida interna da Igreja, como papas, bispos, padres, seculares raríssimos, e muitos religiosos e religiosas, de modo especial, os que fundaram alguma congregação.

2 — As paredes de nossas igrejas estão, por vezes, atapetadas de santos, mas que viveram outra realidade, bem diferente da vivida pelo comum dos cristãos a quem foi destinada a Boa Nova do Evangelho. Nós, padres, que labutamos no meio deste povo sofrido, sentimos a falta que nos fazem uns modelos de santidade, tais como um pai ou uma mãe que se santificaram pelo exercício do matrimônio... Ou será este o único sacramento estéril e que não produz santidade? Algum operário, agricultor, um jovem que se tenha santificado pelo seu trabalho e pela sua participação na transformação da sociedade. Parece que o Vaticano II, no capítulo III n.ºs 34 a 36 e ainda no capítulo I — parte segunda — "Gaudium et Spes" diz bem claro, que também o matrimônio, a vida de família e o mundo do trabalho, santificam. Agora, se aparecem santos apenas na classe acima e não nestas outras classes, algo deve andar muito errado e algumas posições e idéias devem ser revistas e aperfeiçoadas.

3 — Além da revisão de conceitos, ao meu ver, deve haver uma revisão do sistema de canonização. Na sistemática atual, o processo é tão complicado, tão dispendioso, que só com o trabalho de muita gente influente e com muito dinheiro pode-se canonizar alguém. Neste aspecto a Igreja não proporciona igualdade de oportunidades que prega aos outros. Ao comum dos cristãos cabe apenas o direito de oportunizar a canonização dos que estão acima, pagando a publicação de "graças alcançadas", pagando votos e promessas por "graças recebidas" e depois ficar pensando: "é... este negócio de santidade

não é para nós... ou, para ser santo, só sendo padre ou freira”!

Mas, a bem da verdade, e é bom que se diga, o importante mesmo não é ser canonizado, pois os santos canonizados estão perdendo muito sua cotação diante do público. Viveram eles outra realidade e hoje procura-se, em geral, uma santidade diferente do que aquela que os santos representam, baseada nas muitas orações, penitências e milagres, ou em gestos heróicos em favor dos pobres.

É esta santidade diferente e atual que tentarei provar nas páginas que seguem, com o título de “Um Santo dos Nossos Dias” narando a vida de JOSÉ FELIX GEDOZ.

Este título poderá chocar a muitos e de modo especial aqueles que conviveram com José F. Gedoz, pois todos conheceram as limitações e quem sabe lá, os pecados deste homem. Mas a santidade que pretendemos aqui ressaltar é diferente daquela que sempre nos apresentaram. Esta nunca foi medida ou diminuída por alguma falta ou pecado, mas por um conjunto de atitudes de vida que testemunharam o Evangelho.

Não cabe na nossa mentalidade de hoje, um Deus policial, com os dedos sempre prontos, nas teclas de um moderno computador, para não perder um pecadinho sequer, esquecendo tudo quanto de bom faz uma pessoa ao longo dos minutos, horas, dias, meses e anos da sua vida!

O certo é que José F. Gedoz, com pecados ou sem pecados, e se os teve certamente se arrependeu e recebeu generoso perdão, sempre se preocupou com o bem dos outros em todos os aspectos de suas necessidades materiais, sociais e religiosas. Certamente ele não foi uma lâmpada escondida debaixo de uma caixa, mas colocada bem no alto de um candieiro para iluminar toda a comunidade de Carlos Barbosa. Mat. 5.14 a 16.

Esta preocupação pelo bem dos outros, muitas vezes foi heróica, suportando zombarias, não medindo horas, nem intempéries, e por vezes, perdendo preciosas amizades. Não fez milagres, nem longas penitências e nem perdeu tempo com orações egoístas para salvar a sua alma apenas. Com humildade e alegre disponibilidade colocava em comum com os irmãos, os agricultores, os dons que Deus lhe deu, porque os amava e queria ajudá-los. É este o tipo de santidade que pretendemos destacar em José Felix Gedoz.

A FAMÍLIA

Nestes últimos tempos surgiram muitas teologias com adjetivos qualificativos ou restritivos. Sempre existem pessoas que se entusiasma-mam com alguma idéia e a vestem de roupagens impressionantes e ter-minologia rebuscada. Assim, como surgiu a Teologia da Libertação que está em moda, logo mais poderá surgir a Teologia da Dominação, e para isto, não faltarão textos da Bíblia, como quando da invasão armada da Terra Prometida, por um povo desconhecido que passava tudo a fio de espada e dizia ainda que era por ordem do Deus Javé.

Não sei se o nome cabe, mas sinto a falta de uma Teologia do Matrimônio (1) que por sinal é a vocação seguida pela imensa maioria dos cristãos. Foi ressaltada a Teologia do Sacramento da Ordem nos seus diversos ramos: Bispos, presbíteros e diáconos. A Teologia dos Vo-tos dos Religiosos que santifica os seus seguidores. Isto talvez tenha si-do por causa da falta de vocações. Tanto se ressaltou a ORDEM e os VOTOS que além de esquecer o Matrimônio com todos os seus valores, se fez ao redor disto tanto mistério que os nossos jovens ficaram com medo. Medo porque o ideal parecia elevado e santo demais e porque se a falta de vocações era tanta, como é que eu fulano de tal vou numa "empresa" fracassada assim?

Nestes últimos anos surgiram diversos movimentos que tentam valorizar o matrimônio e a vida de família. Alguns com muito bom sucesso, mas resta ainda longo caminho para que nossos bons cristãos valorizem tanto o matrimônio e o considerem seu natural caminho de santidade e salvação. Repito aqui, pois julgo importante, o que acima foi dito: é uma lástima que não possamos mostrar aos nossos cristãos um casal que se santificou pelo exercício do Matrimônio . . .

O exercício do Matrimônio que santifica, ao meu ver, consiste nas duas finalidades precípua do Sacramento: 1ª na COMPLEMENTARIE-DADE do homem e da mulher que se realiza no casamento, pela sua vi-da afetiva e sexual. Creio piamente que o correto exercício do sexo tam-bém santifica, pois Deus não fez coisas feias e nem coisas inúteis! Mas, infelizmente, os que explicavam aos fiéis o sentido do sexo, eram sem-pre comprometidos com o celibato. Por isto o apresentavam se não co-mo pecado, ao menos como coisa perigosa, proibida, difícil e quase nunca como algo positivo, necessário não só para gerar filhos, mas para complementar a personalidade afetiva e psíquica dos esposos.

2.ª Esta complementariedade se realiza ainda na ajuda mútua, na vida de família, nas atividades materiais, no diálogo contínuo, no acei-tar-se e perdoar-se sempre que necessário. Esta vida a dois, com altos e baixos, com momentos felizes, bonitos, de justo prazer e com a parti-lha do sofrimento e da responsabilidade . . . tudo isto santifica, como fruto do sacramento recebido. Da mesma forma que todas as atividades do padre ou do religioso, santificam devido ao sacramento da ordem ou dos votos.



Em 1923 - José e Ernesta M. Gedoz e duas filhas - Idalina e Nilza

3.ª GERAÇÃO DE FILHOS: Coloquei esta finalidade em terceiro lugar, e não sei bem se deva estar em primeiro ou segundo lugar. Defenderia o terceiro lugar não para dizer que é menos importante, mas porque é fruto, flor e coroamento da primeira finalidade. Só onde existe um grande amor comprometido definitivamente é que tem sentido uma **paternidade responsável**. Então sim, gerar filhos, cuidar deles dia e noite, alimentá-los, vesti-los, educá-los e encaminhá-los na vida, tudo isto é meio de santificação do casal, mediante o Sacramento do Matrimônio recebido, e que continua frutificando por toda a vida.

Desta forma se faz necessária uma revisão e adaptação do conceito de santidade . . . Um tipo é o das pessoas consagradas e outro o dos casais, mas os dois tipos são certos e santificam, dependendo sempre da intensidade e doação com que são vividos . . . As famosas “penitências” atribuídas aos santos, nós as encontramos na vivência diária do casal, que convenhamos e reconheçamos, muitas vezes não é heróica também nos casados? As longas orações a que o casal não tem tempo de se dedicar, são substituídas por uma vida de oração prática, no dia a dia e numa vida litúrgica intensa, quanto possível, mas tendo-se em conta não tanto o tempo de duração e sim sua intensidade e vivência.

O que tem a ver tudo isto com nosso José F. Gedoz? Infelizmente, pouco ou nada! Tenho certeza que ele nunca ouviu falar de coisas como estas. Mas creio que as viveu com sua esposa e seus filhos. É justamente por isto, que creio piamente que o Sacramento do Matrimônio santifica, “ex opere operato” ou seja por sua própria força e natureza, ainda que os portadores deste sacramento, os casais, não tenham pleno conhecimento e consciência desta realidade da Graça, escondida atrás dum Sacramento que bem merece melhor tratamento diante dos que querem assumi-lo e vivê-lo por toda a vida.

Nem é bom lembrar, como naqueles longínquos anos, nosso José F. Gedoz e sua noiva Ernesta A. Maffassioli se prepararam para o casamento. Como foi seu namoro e noivado e de modo especial como foram as cerimônias, o sermãozinho . . . e depois a festa. Os padres preocupados com muitas tarefas e em geral religiosos, se não eram avessos ao casamento, pouca importância davam, por isto despachavam as cerimônias, já tão pobres, em latim, sem gestos ou palavras, que motivassem, que dessem sentido ao sacramento que iam receber. E apesar disto o Sacramento frutificava! Inconscientes, apressados, sem motivação, José F. Gedoz e Ernesta A. Maffassioli começaram a sua vida a dois. Os depoimentos que possuímos nos dizem que foi um casal simples, mas que combinava, se amava . . . Muito lutou para criar e encaminhar seus **SETE** filhos, que hoje são a honra dos seus pais.

(1) Puebla “A Família” e nº 451 e seguintes

(2) Puebla nº 459

IMIGRANTES SUIÇOS

Existe uma página esquecida na história da imigração alemã e italiana no Rio Grande do Sul.

Trata-se de pequeno grupo de SUIÇOS, talvez umas 100 famílias que saíram da Suíça, do Cantão, de fala francesa, que ajuntando-se aos italianos, em diversos grupos, foram se instalando na encosta da serra, acima do atual S. Vendelino, então colônia N. Sra. da Soledade. Subindo a serra pelos anos de 1878 a 1881 se radicaram na atual Santa Clara (alta e baixa), Torino, Santa Luiza no município de Carlos Barbosa.

Nestas regiões são comuns os nomes: Gedoz, Denicol, Dupont, Deitós, Audibert, Cousseau, Darcie, Southier e outros.

Aos poucos se identificaram em tudo aos vizinhos italianos e alemães, nos costumes e até na linguagem. Existem algumas características que eles transmitiram aos seus descendentes e que ainda hoje aparecem: 1) - Uma prática da religião um tanto severa e tradicional, quem sabe, devido às passadas lutas na terra natal, entre católicos e protestantes, Calvino e outros. Dificuldade que os italianos não sentiram. 2 - Uma vida de família igualmente rígida de predominância absoluta do homem e submissão total da mulher. Escolha dos namorados e namoradas pelos pais e uma moralidade quase puritana, no que se refere a sexo. 3) - Amor à agricultura, e especialmente ao gado leiteiro. Ainda que não tenham sido "os franceses" (como logo foram apelidados), os fundadores da atual Coopêrativa Santa Clara, sem dúvida se deve a eles também o incentivo da pecuária leiteira, que já conheciam na Suíça e hoje está florescente em Carlos Barbosa. 4) - Outra característica interessante é a delicadeza e os bons modos no trato com os outros em contraposição aos italianos que nem sempre primam neste aspecto. 5) - Como os italianos, os "franceses" souberam logo se adaptar à nova Pátria, esquecendo a velha. Esta adaptação custou mais em outras imigrações. "Abrasileiraram-se" logo sem colocar resistência alguma, tanto na fala, como nos costumes e no amor a esta nova Pátria. Como os demais imigrantes, boa parte continua nos trabalhos agrícolas, mas muitos estudaram e hoje ocupam postos em empresas e até na vida pública.

Acreditamos que, como aos demais imigrantes italianos e alemães, a vida não foi nada fácil para 'os franceses'. Tiveram que aprender o italiano ou o alemão e o português. Foi difícil a adaptação ao clima e a coordenação das colheitas com as estações e clima bem diverso do da Suíça.

A comercialização era difícil, bem como a aquisição do que necessitavam para viver. Em 1910 quando transitou o primeiro trem pelo "CANTA RANE" (1) logo rebatizado com o nome de Sta. Luiza e hoje Carlos Barbosa, foi um sinal aberto para o progresso, pois po-

deriam comercializar facilmente tudo o que as férteis terras produ-
ziam.

Os pais do nosso José F. Gedoz, filho de Felix Benjamin Gedoz e Sofia Sauthier Gedoz, eram desta leva de imigrantes suíços, que se fixaram em Sto. Antônio da Santa Clara, baixa e só mais tarde subiram e se fixaram na atual capela de Torino, onde José F. Gedoz com a sua esposa Ernesta Angela Maffassioli criaram os seus SETE filhos.

- (1) Onde está a Igreja — Salão de Carlos Barbosa — era banhado. Quando chegava o trem e tocava o sino as rãs paravam de cantar, ou recomeçavam quando saía. Dali o nome de "Canta Rane" depois Sta. Luiza e mais tarde Carlos Barbosa.



José F. Gedoz, como mais antigo descendente de emigrante suíço, recebe do Dr. José Ambrosio Toniuzzi, presidente da Câmara Municipal, uma medalha comemorativa - dia 16/08/75

I G R E J A

COMUNIDADE — PARTICIPAÇÃO

Até a poucos anos, a participação dos cristãos nas diversas linhas de atuação da Igreja, era quase nula . . . Existia total passividade. E isto acontecia na vida litúrgica, na vida administrativa ou de governo da Igreja e também na linha profética ou de evangelização.

a) Na vida litúrgica era simplesmente incrível o que acontecia. Sob a desculpa de manter a unidade, exigia-se o LATIM nas cerimônias. Escondia-se ao público as riquezas dos ensinamentos litúrgicos. Mantinha-se os cristãos num imobilismo de ritos que não diziam mais nada, numa fase da sociedade em que tudo é movimento, participação. Se uma língua pudesse ser condenada ao inferno, certamente seria o LATIM! O mesmo se diga de ritos e gestos que outrora significavam alguma coisa, mas hoje não dizem mais nada. Agora a atualização veio, mas um tanto tarde demais!

b) Na linha administrativa ou de governo da Igreja, a situação era mais triste ainda . . . Justamente na Capela do Torino, onde viveu José F. Gedoz, ainda existe um Regulamento das Capelas, imposto pelos padres, onde apenas consta o que os cristãos podiam ou não podiam fazer. Havia proibição de reuniões para eleger os Fabriqueiros. Nem sonhar sobre a participação na administração da Paróquia ou da Diocese. Os padres e Bispos faziam o que bem entendiam e não davam satisfação alguma aos cristãos, que eram tratados apenas como objetos e não sujeitos atuantes na vida da Igreja. Ovelhas a serem empurradas para o céu pelo cajado dos pastores, mas na passividade e não na atividade corresponsável!

No Vaticano II foi elaborado um bonito documento sobre os assim denominados LEIGOS, e sua participação na vida da Igreja. Mais perto de nós a CNBB elaborou um outro substancioso documento em ITAICI com o título: "Exigências cristãs para uma ordem política e social" também sobre a atuação dos cristãos. Pois bem, temos de reconhecer que tudo isto, além de permanecer quase letra morta, contém algumas contradições difíceis de entender. Por exemplo o Documento de Itaici exige a participação na vida política e social como uma exigência da dignidade da pessoa humana, sem o que ela não se realiza como pessoa e como cristão. (1). Ora, aqui está o problema . . . Por que não valerá o mesmo para o regime interno da Igreja? Quando é que os cristãos poderão escolher os seus dirigentes e pastores? Dando, não a "investidura" do poder, mas ao menos a escolha dos portadores deste poder? Onde estão os conselhos de leigos a nível paroquial, diocesano, regional e nacional? Ao menos nas funções administrativas e por que não como assessores em organismos sociais e mesmo doutrinários. Segundo consta na leitura do Evangelho, a inspiração do Espírito Santo não ficou monopólio da Hierarquia, mas para toda a Igreja. Em muitos documentos episcopais encontramos incursões afoitas em terrenos

econômicos, sociais e políticos, com afirmações nem sempre bem fundamentadas. O assessoramento de leigos, técnicos que militam nestas atividades daria muito mais autoridade, certeza e valorizariam imensamente. Eles atualizam o Evangelho, lá onde a ação da Hierarquia não alcança as suas finalidades. Pode ser que exista este assessoramento, mas o público católico não tem conhecimento disto. Será que não existem leigos competentes e idôneos que atuam nestas áreas? Se não existem ,então, algo deve andar muito errado e muita coisa deve ser revista para não continuarmos numa igreja-clerical, mas entrarmos plenamente na Igreja “POVO DE DEUS” e a hierarquia a serviço deste povo.

c) Na linha profética ou evangelizadora, constatamos maiores progressos nestes últimos anos. Muitos leigos estão engajados em atividades múltiplas, tais como: catequese, círculos bíblicos, grupos de casais e de jovens, equipes de liturgia, Ministro da Eucaristia e muitos outros movimentos.

Pois bem, quando estes leigos eram assim tratados, desde muitos anos passados, nesta região italiana surgiram espontaneamente, sem programação da hierarquia, as CAPELAS RURAIS, que outra coisa não são do que o desejo de participar, dos nossos agricultores. Participavam na construção das capelas, cemitérios, torres ,escolas e salões. Administravam tudo com independência dos Vigários e com maior atuação do que nas sedes paroquiais, onde os padres açambarcavam tudo. Participavam nas decisões (brigavam para isto), na pouca vida litúrgica com seus cantos, alguns corais, bandas, rezas de terços, novenas e Via-sacras. Como na paróquia em nada podiam participar, participavam na “nossa” Capela . . . Este “nossa” tinha um sabor todo especial, pois era de fato deles porque eles a idealizaram, a construíram e a administravam.

Seria muito interessante saber o histórico de todas as capelas, como tentamos escrever num nosso trabalho com o título: “As nossas Capelas, um caso único no mundo”.

A capela N. Sra. da Saúde de Torino, onde viveu nosso José F. Gedoz, ainda que não tenhamos dados mais exatos, de datas e nomes, também tem a sua história, saborosa, apreciamos-la hoje, muitos anos depois.

Ao mesmo tempo em que surgia a Capela do Torino, numa linha vizinha foi construída outra capelinha, de madeira. Certa noite foi queimada. Os santos foram salvos e colocados em cima dos tocos das árvores, ao lado.

Ainda que ninguém tenha visto, todos sabiam que havia sido uma certa pessoa, que com isto não quis desprezar a igreja ou os santos, mas queria apenas que fosse o Torino que progredisse, naquela esperança futura que aos poucos seria paróquia, cidade. Poucos anos depois, com esta mesma finalidade houve outras pessoas que foram até a vizinha capela de Santa Clara e de armas em punho obrigaram o

padre a não mais rezar missa lá, mas no Torino. O certo é que a Capela do Torino progrediu. Ficou um pequeno centro, possuindo hoje moderna Igreja, substituindo a que serviu por 50 anos. Possui ainda um bem cuidado cemitério, um salão enorme e bem equipado, um moderno Clube e ao redor deste centro comunitário um bom grupo de famílias fazendo um total de 81 famílias associadas a Capela.

José F. Gedoz viveu, participou de forma ativa na vida desta comunidade, fazendo parte de diretorias, ou como fabricante. Colaborava nas festas e nas decisões da comunidade, ajudava nas construções, sendo um dos elementos mais destacados e atuantes.

Nos anos iniciais da década de 1970, por motivos que não cabe aqui analisar, houve uma séria divisão na Comunidade de Torino. A Comunidade se dividiu por causa do Clube e houve momentos tristes e dramáticos com conotações de política partidária radicalizada daqueles anos. O nosso José F. Gedoz ficou com o grupo da Capela, ao lado do Vigário, mas foi um elemento moderado e de ligação entre os grupos. Conseguiu sair-se do impasse, conservando a amizade com todos, procurando sempre acalmar, esclarecer, nunca colocando mais lenha na fogueira.

Se nesta ocasião o “comunitarismo” sofreu um sério arranhão, o certo é que estava radicado no coração desta boa gente, que agora o recobrou com renovado vigor e hoje é uma das comunidades mais unidas.

Há poucos anos, a Diocese de Caxias do Sul, adotou o objetivo de incentivar todas as Paróquias ao Espírito Comunitário. Em certa circunstância José F. Gedoz me dizia: “Padre, pode ser que na nossa comunidade alguns não tenham muito espírito comunitário e por vezes se omitam, mas a Comunidade de Torino tem muito espírito comunitário . . . Senão vejamos: 1º — Temos nossa Capela, com igreja, cemitério e salão, copa, bochas e bolão. 2º — O Clube bem completo, também com bocha e bolão . . . 3º — Nosso time de futebol. 4º — A associação de Pais e Mestres da nossa escola. 5º — A Cooperativa. 6º — O Clube Quatro Esse. 7º — O Sindicato dos Trabalhadores Rurais . . . 8º — Temos a Paróquia . . . A Prefeitura . . . Puxa, o que querem mais? Se manter tudo isto com o nosso trabalho e o nosso dinheiro não é ter espírito comunitário, então eu não entendo mais nada . . .”

Eram as idéias claras deste homem simples e que tinha noções bem exatas de como ele se realizava como cristão, participando ativamente da vida da Igreja, da comunidade social e econômica.

Hoje, se fala tanto de Comunidade de Base e existem muitas teorias . . . Mas os elementos fundamentais destas comunidades de Base não estão nisto que esta comunidade faz desde muitos anos? Evangelho e Fé não se realizam e atuam no ar, numa comunidade enorme de desconhecidos em que os indivíduos desaparecem no anonimato, mas numa comunidade assim, onde as pessoas se conhecem, se amam, se promovem, se perdoam, se ajudam, se dirigem a Deus nas suas ca-

pelas e procuram colocar em comum, para soluções, seus problemas religiosos, sociais e econômicos.

1 — Cf. REB de março de 1977 à pág. 192 e seguintes



Embora com 80 anos, José F. Gedoz gostava de acompanhar o futebol dos moradores do Torino

“MINISTRO DA AGRICULTURA”

O pioneirismo de José F. Gedoz e seu amor à agricultura, que sempre a queria progressista e mais técnica, lhe valeu o apelido de “Ministro da Agricultura”. Pouco lhe importava o apelido maroto e para radicalizá-lo... sorria. Não comentava, e continuava seu trabalho.

Para compreendermos melhor a transformação que José F. Gedoz participou, devemos voltar a alguns anos atrás e ver a situação da agricultura de então e a de hoje. Poderemos assim avaliar o pioneirismo deste homem que tinha sede do saber... Lia o quanto podia. Ouvia programas radiofônicos e não perdia uma reunião que tratasse de agricultura ou de gado leiteiro.

1 - Existia uma aversão às inovações e de modo especial aos técnicos. Além de poucos e por vezes mal preparados, eram simplesmente rejeitados pelos agricultores, como homens dos livros e que nada entendiam na vida prática. 2 - As terras eram ainda bastante produtivas e não existiam muitas pragas pelo que não era sentida a necessidade de corretivos, adubos, fungicidas ou inseticidas. 3 - Com a vida muito mais pacata e sem muitas necessidades que a sociedade de consumo impingiu, a vida familiar e rural decorria tranqüila. Pouco interessava o muito dinheiro, pois satisfaziam-se quase todas as necessidades em casa. Era uma agricultura de subsistência. 4 - Não havia financiamentos e os agricultores tremiam ao entrar numa agência bancária, como tremiam ao entrar numa delegacia de polícia. 5 - Cada agricultor plantava o que queria e ficava na espera das bênçãos de Deus para produzir bem e se a produção era ruim, Deus levava a culpa com a frase conformista e fatalista: “Deus quis assim”. Da mesma forma era com as doenças das pessoas e animais. 6 - Na hora da comercialização do produto agrícola, as coisas eram simplesmente lastimáveis. Era comum entregar o produto e receber o pagamento um ano depois... Ou receber tudo em produtos industrializados, quando o intermediário ganhava ida e volta, ou seja sobre o dinheiro do produto vendido, do qual nem se sonhava pagar juros, e sobre o produto dado em troca, que devia dar boa margem de lucro ao “comerciante”. 7 - Leis sociais nem em sonhos existiam. O cemitério era a aposentadoria do agricultor. Quando as leis sociais atingiram os assalariados da indústria, o agricultor ficou o único campo livre para médicos e hospitais usarem e abusarem. O que o pobre agricultor ganhava num ano de duro trabalho de roça, sem horário, com chuva e sol, tudo era consumido numa intervenção cirúrgica e poucas diárias de hospitalização. 8 - Faltavam ainda estradas condizentes, energia elétrica, lugares de recreação, telefones, aparelhos eletro-domésticos. As diversões não passavam das bochas e baralho e muitas vezes eram molestados por delegados de polícia que em tudo viam “jogo de azar”. O baile devia ser clandestino, pois os padres gritavam e reprimiam até com castigos.

Todas estas coisas não são longínquas, aconteciam até há uns 20 anos e em alguns lugares ainda continuam.

Para sair desta situação econômica e social não foi e não é nada fácil. Muitos deram o melhor de si, compreendidos ou ridicularizados. Muitos viram os frutos, outros morreram sem ver melhoras...

A) - **LINHA SOCIAL:** Neste aspecto José Felix Gedoz também foi pioneiro, participando e incentivando: 1 - O Cooperativismo. 2 - O Sindicalismo Rural. 3 - Uma **RELIGIÃO** menos egoísta e mais promocional. 4 - Participação ativa na vida política.

B) - **NA LINHA TÉCNICA** da **AGRICULTURA** e **PECUÁRIA LEITEIRA** José F. Gedoz, foi realmente admirável e pioneiro. 1 - Introduziu o **ADUBO** químico, então chamado "côncime" e como tinha o aspecto de cinza, foi apelidado de "distribuidor de cinza". Fazia experiência na sua roça, e propagava os resultados a todos, sempre com entusiasmo e com visão do futuro em terras que se exauriam aos poucos. 2 - Construiu o **PRIMEIRO SILO** de pastagem para suas vacas Jersey. Quando, em 1978 a Secretaria da Agricultura bem como a **EMATER** se lançaram numa campanha de âmbito estadual: "Mais silagem, mais leite" foi esquecido José F. Gedoz que desde uns 20 anos estava usando silagem para o seu gado leiteiro. 3 - Foi divulgador da semente de batata selecionada e com certificado de sanidade. 4 - Divulgou a cultura da **NOZ** comum ou europeia e mais recentemente da **NOZ** Pecã. 5 - Introduziu e divulgou as vantagens da inseminação artificial para o gado leiteiro. 6 - Experimentou o valor das pastagens artificiais, como novos tipos de gramas, lavrando e corrigindo o solo para uma maior produção. 7 - Gado **JERSEY** sempre foi o seu preferido, embora não tenha conseguido adeptos. Justificava sua predileção, dizemos que é o gado que tem mais "convertibilidade" ou seja, capacidade de tirar mais leite da ração que ingere. Ainda porque produz leite mais gordo, é mais manso e fértil do que as demais raças leiteiras.

Vizinhos e amigos devem lembrar muitas outras iniciativas às quais José F. Gedoz se dedicou com entusiasmo e por vezes com tal dinamismo que o levavam a precipitar-se um pouco, não obtendo com isso os resultados esperados, motivo pelo qual era levado ao ridículo por alguns descrentes. Um programa de rádio, um artigo de revista ou jornal, uma palestra de técnicos era o suficiente para que ele se lançasse com dedicação a uma experiência e depois tentasse convencer os outros a fazer o mesmo. Tinha espírito inato de curiosidade e de pesquisa, mas não ficava egoisticamente com os resultados para si: Procurava levá-los aos outros. Pode ser criticado como precipitado, quase aventureiro ou crédulo, o certo é que ele tentava e levava adiante com persistência as iniciativas... Tem algumas coisas fracasadas, mas em muitas foi o invicto pioneiro.

Professoras, várias vezes, levaram os seus alunos até a casa de José Felix Gedoz e era admirável como este homem que nem sabia o

que era didática, sabia entreter as crianças explicando tudo sobre plantações, gado leiteiro e respectivos tratos culturais. Estas crianças, hoje agricultores, devem muito do seu sucesso aos ensinamentos deste “professor” auto-didata e apaixonado pela sua profissão de agricultor.

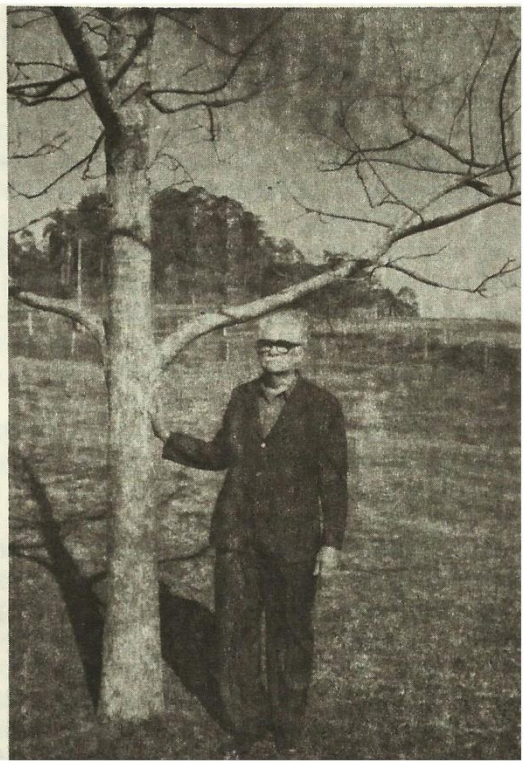
Críticas houve, inclusive de que não cuidava muito de sua família, para se dedicar as suas idéias e campanhas, mas o fato é que criou muito bem seus SETE filhos, foi esposo dedicado e carinhoso. Hoje os familiares compreendem o quanto foi grande como Pai, esposo e como agricultor empenhado na promoção da sua classe.



**Vicente Dalbó — Prefeito de Garibaldi em visita ao trigal que José F. Gedoz pela primeira vez adubou - com adubo químico
Foi a primeira experiência em toda esta região.**



O Sr. José F. Gedoz ao lado de um lindo pé de pêsego, que cultivou e tratou.



Exibindo um lindo pé de nogueira Pecã.

O MINIFÚNDIO

Certas palavras, em certas épocas, ficam carregadas de antipatia, ficam execradas. Não podem sequer ser pronunciadas, que já condenam quem as diz e canonizam quem as condena. Como demônio, pecado, ou como comunismo ou socialismo e no caso "minifúndio" ou "latifúndio"

Fiquemos com os termos latifúndio e minifúndio que nos interessam e vejamos que não são bichos tão feios como alguns os pintam, principalmente quando estes termos são analisados segundo a quantidade de terra e não segundo a sua produtividade, como devia ser.

Num país como o nosso, os latifúndios produtivos não são tão perigosos como são pintados. Como poderíamos ter carne para tantos se o gado não fosse criado extensivamente em latifúndios? Os que amaldiçoam estes latifúndios serão os primeiros a amaldiçoar governos, porque não proporcionam carne ao povo. E seria viável a criação de gado confinado em tão grande quantidade? O mesmo podemos dizer dos latifúndios que produzem proteínas e gorduras vegetais, soja, trigo e milho? São produtos que exigem grandes extensões de terras e o uso de maquinaria caríssima e que só torna a produção rentável se em grandes extensões. Caiam, pois todas as maldições e castigos sobre os latifúndios **improdutivos** ou que ficam sem cultura parar esperar lucros fundiários, mas não sobre todo e qualquer latifúndio.

O mesmo podemos dizer do MINIFÚNDIO. Se a extensão de terra for realmente muito reduzida e insuficiente para não só sustentar o seu dono mas para fazer produzir boa quantidade de produtos para comercializar, quando é apenas de subsistência... certo... maldições também para o minifúndio.

Existe hoje a tentativa de divisão segundo módulos estabelecidos pelo INCRA e segundo esta divisão teórica e um tanto arbitraria os proprietários são jogados ora do lado dos ricos proprietários, ora do lado dos assalariados rurais para efeitos de sindicalização e previdência social. Mas na nossa região colonial italiana e alemã também, existem minifúndios muito produtivos, dependendo é claro do **tipo de cultura**, da **qualidade do solo** e principalmente do **amor à terra** do seu proprietário.

Dois erros enormes ainda continuam: 1º - A proibição taxativa do INCRA de subdividir propriedades, nem mesmo na hora da partilha por herança, para os próprios filhos, com o medo do minifúndio. Parece que existe um medo de minifúndio, mais do que o diabo de água benta! 2º - A falta de financiamento fundiário para a aquisição de terras para filhos de agricultores e outros. Com esta mania de que só a industrialização salva a pátria, hoje se consegue financiamento para tudo, menos para comprar terra para os filhos dos agricultores!

Diante destas duas enormes dificuldades, verdadeiras barreiras intransponíveis, os filhos dos agricultores, técnicos já formados pelo trabalho junto com os pais, foram forçados a procurar empregos nas cidades.

Muitos conseguiram estudar, e muitas vezes os nossos colégios do interior, feitos com o sacrifício de todos, foram incentivadores desta evasão, deste êxodo rural. Os que obtiveram bons empregos, os que conseguiram um armazém ou restaurante se defenderam bem, mas muitos e muitos sem saber fazer nada, foram engrossando as favelas de nossas cidades.

E os responsáveis por esta distorção, porque não dizê-lo, por este crime social se justificam com frases muito discutíveis: "O êxodo rural é um fenômeno universal". "A industrialização é um fato irreversível".

Mas agora estamos sentindo a falta de produtos. Agora estamos vendo velhos casais que não tem mais condições e forças para levar adiante os parreirais que junto com seus filhos plantaram, ou cuidar das 20 vacas leiteiras, ou plantar 50 sacos de batatas. Por isto, desanimados, vendem suas propriedades a médicos, dentistas e advogados, por somas que pareciam fabulosas, mas devoradas em poucos anos pela inflação e acabam seus dias na miséria, com meio salário mínimo de aposentadoria, lá numa semi-favela de qualquer cidade. E alguns ainda se sentem orgulhosos porque a sua cidade está crescendo muito!

Para não fugirmos ao assunto deste nosso trabalho, vejamos como o José F. Gedoz criou seus 7 filhos num minifúndio. Sempre conseguiu ter uma casa bastante boa, com estrebaria, chiqueiros e galinheiros e as suas vacas jersey. Não só criou os filhos, mas deixou para todos eles alguns hectares de terra, com sua casa, suas vacas e hoje vivem muito bem. Além da subsistência da família, vendeu muitos produtos tais como leite, batatas, trigo, frutas, galinhas e ovos. Podemos tomar a média de 60 anos de vida produtiva, pois viveu mais de 80 anos e veremos alguns dados interessantes. Vendeu a média de 100 litros de leite por dia o que em 60 anos representa, 2.160.000 litros de leite. Vendeu em média de 150 sacos de batatas por ano o que representa 450 toneladas de batatas.

Este não foi um minifúndio execrado, amaldiçoado, mas foi muito abençoado como tantos outros nesta nossa região, pois encontraram proprietários que sabiam aproveitar ao máximo a sua pouca terra, amando-a, renovando-a e não esgotando-a, pois sabiam que dela tiravam tudo o que sua família precisava e ainda o que vender para alimentar o pessoal da cidade e ganhar o necessário para bem viver. Os filhos aprenderam a lição do Pai e continuam como bons agricultores, vivendo muito bem nos seus minifúndios. Os netos de José F. Gedoz é que estão com o problema e terão que ir para a cidade, pois terra não podem comprar, não existe financiamento, e subdividir mais as terras, agora não dá mesmo. É uma lástima que os rapazes e moças reforçados, agricultores natos e competentes devam deixar a lavoura e ir empalidecer e definhar numa fábrica ou num escritório.

Promoção dos Irmãos

José F. Gedoz, sem saber quase nada sobre as metas religiosas que surgiram no Vaticano II, foi um pioneiro também na aplicação de uma religião-vida, ou como mais recentemente o documento de PUEBLA ensina, uma religião que é **COMUNHÃO** e **PARTICIPAÇÃO**.

Não possuindo muitos conhecimentos sobre as teorias que se degladiam no mundo de hoje e apresentam soluções ou “propostas” de salvação do homem e da humanidade, José F. Gedoz sem se filiar às correntes em moda, procurava vencer o mal com o bem (Romanos 12, 21). Sem perder tempo em amaldiçoar as trevas, e chorar os males atuais, preferia com sua ação simples e decidida, acender um fósforo e proporcionar soluções que estivessem ao seu alcance, sem sonhos utópicos de construir um mundo perfeito.

O **CAPITALISMO** ou liberalismo econômico, José F. Gedoz, nunca o estudou, mas conviveu com ele, pois sofria todos os dias suas conseqüências quando comercializava seus produtos agrícolas . . . Como resposta adotou e se lançou com todo o entusiasmo no **COOPERATIVISMO**.

O **SOCIALISMO** só era conhecido no aspecto trágico, apresentado ao público. A experiência comunista com todas suas sequelas e contradições não possuía soluções satisfatórias. Para José F. Gedoz a vida comunitária, religiosa, cooperativista e sindicalista era uma resposta às necessidades sociais do homem.

Este homem, sem muita cultura, sem ter cursado colégios e universidades, numa de suas longas conversas me dizia: “A nossa solução é o Evangelho . . . Cristo é que a trouxe, e não os homens.” E continuava “A raiz dos nossos males é que os homens não se reconhecem como irmãos, filhos do mesmo Deus, com direitos e deveres iguais, como Cristo nos ensinou . . . Hoje, se fala tanto de injustiças, de exploração, até bispos e padres estão sempre falando disto, mas estas são conseqüências e não causas dos nossos males . . . Devemos atacar o mal pela raiz e não pelas conseqüências. Como agricultor acrescentava: “Não adianta quebrar os brotos, é preciso arrancar a árvore.”

Parece que foi isto mesmo que João Paulo II veio nos dizer na visita ao México, em princípios de 1979 e é isto que chega a nós pela Conferência de Puebla . . . A Igreja não precisa se estribar na “**PROPOSTA**” capitalista ou socialista. Ela mesma tem a sua “**PROPOSTA**” de salvação tirada de **CRISTO** e do **EVANGELHO**. Não se trata pois de uma “**LIBERTAÇÃO**” econômica e social do homem, das garras do capitalismo e neo-capitalismo nem da **DITADURA PROLETÁRIA** do comunismo e matizes socialistas, mas da libertação-redentora proporcionada pelo Deus feito Homem, que quer a libertação do **HOMEM-TODO**, corpo e alma ao mesmo tempo, formando um todo indivisível neste mundo e com um destino eterno. (1)

Vejamos como José F. Gedoz, procurou soluções. Qual formiga carregava sua contribuição para o ninho comum, naqueles caminhos que ele achou viáveis: Cooperativismo e sindicalismo rural.

SINDICALISMO RURAL: Todas as classes possuem seus órgãos de promoção e defesa, tanto as patronais, como as assalariadas. Isto ficou mais necessário desde a industrialização, apontada como ideal de desenvolvimento e progresso, embora carregue consigo tantos males quantos bens. Haja visto a famigerada poluição . . . a mortandade causada pelo deus-automóvel, a criminalidade, os tóxicos, etc.

O ruralismo, por própria natureza é sempre mais lerdo e os problemas ressoam sempre depois do que entre os assalariados urbanos. E para o nosso caso, de trabalhadores rurais independentes, autônomos, não assalariados, mas pequenos proprietários de economia familiar, simplesmente não existia enquadramento sindical. Também não sei se existia experiência nesta linha, a não ser na Itália e na França. Lá os sindicatos estão filiados, unidos aos partidos políticos com cunho marcadamente ideológico.

No Brasil, por iniciativa do jovem político Fernando Ferrari, foi elaborado o "Estatuto da Terra". Reformulado pelo 1º Governo Revolucionário de Castelo Branco, foi promulgado como lei. E neste se prevê não só o sindicalismo rural, como a previdência social rural, hoje incipiente e a "Reforma Agrária" sempre badalada, mas nunca efetuada. Assim mesmo temos no Brasil duas grandes realidades: 1) Uma que vai desde as fazendas de café e cana-de-açúcar do Paraná, São Paulo e todo o centro, norte e nordeste do Brasil, onde impera o latifúndio com mão de obra assalariada. Neste caso só cabem dois sindicatos: dos patrões e dos assalariados. E toda a legislação sindical rural visa esta realidade. 2) Mas, existe, outra realidade, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, boa parte do Paraná e agora nos dois Mato-Grossos, onde existe a pequena propriedade, e quem trabalha é a família e não pessoas assalariadas. Esta realidade, a legislação atual não quer reconhecer. São feitas mil manobras no enquadramento sindical rural, querendo que estes pequenos proprietários sejam participantes do sindicato dos assalariados rurais. Para fugir a esta realidade são tentados enquadramentos mesquinhos, ao prazer do Sindicato Patronal Rural, com base em módulos rurais.

Existe também uma realidade histórica. Nos primeiros anos da década de 1960, houve tentativa de agitação rural, por isto a Igreja. numa ação de cima para baixo, lançou-se na organização da Frente Agrária Gaúcha cuja meta principal era a sindicalização dos pequenos proprietários. Foi uma arrancada e uma campanha dura mas de resultados espetaculares. Em poucos anos foram organizados Sindicatos em praticamente todos os municípios do estado. Isto se repetiu em Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, onde este, que escreve, fundou 4 sindicatos que hoje produzem preciosos frutos. Alguns nomes nunca devem ser esquecidos: D. Edmundo Kunz, Irmão Miguel Dario, Adolfo Puggina e muitos outros.

Pois bem, depois desta longa e necessária introdução, novamente encontramos nas primeiras filas de todas as reuniões da Frente Agrária e do Sindicato, José F. Gedoz. Sempre atento, gentil e todo ouvidos.

Interessante era a visão deste homem simples. Várias vezes manifestou o medo de que o sindicato fosse só assistencial, pouco promovedor, pouco reivindicativo e defensor dos agricultores. A situação política não permitia maior abertura, mas os homens passam, dizia ele, e as idéias aos poucos frutificam. Viu, antes de morrer, a nova sede do Sindicato, fruto do trabalho de todos. Viu os velhinhos serem aposentados, e ele também. Viu assistência médico-hospitalar, muito deficiente. Viu alguma coisa na valorização dos "colonos" até pouco desprezados e sem direitos.

Carlos Barbosa foi um dos primeiros municípios em que foi instalado o Escritório da então "ASCAR" e hoje "EMATER". Um nome será recordado sempre e merece o reconhecimento de toda a região: Engenheiro Agrônomo Sadi Manfredini. Quanto fez este jovem na vida rural de Carlos Barbosa, só os agricultores e Deus sabem. Pois bem . . . José Felix Gedoz sempre se honrou em ser amigo atento dos técnicos da ASCAR. Não perdia uma palestra ou demonstração e muitas vezes procurou o escritório da ASCAR para perguntar, pedir conselhos.

Quando deixava a roça, para a cavalo, vir até a cidade os pontos obrigatórios de visita eram o Escritório da ASCAR, a Cooperativa, a Casa Paroquial, o seu Sindicato. Não vinha com pressa . . . Queria falar com calma, propor iniciativas, atividades . . . ouvir e dizer o que pensava.

Queria participar, ou como muito bem disse alguém, jogar o seu futebol. Não cabendo em sua cabeça a idéia de ficar na reserva, muito menos ficar nas arquibancadas ou apenas na torcida. Queria jogar e jogou até que as forças permitiram, até poucos dias, antes de morrer.

(1) Discurso de João Paulo II na abertura de Puebla e Documento de Puebla nº 399

José F. Gedoz - O Cooperativista

Não creio que José F. Gedoz tenha conhecido as origens do cooperativismo e aqueles tecelões (28) que se apelidaram de “probos pioneiros” da cidadezinha de Rochdale — Inglaterra, no longínquo ano de 1843. Fruto do bom senso daqueles simples tecelões, a doutrina cooperativista é igualmente simples demais . . . Trata-se de dispensar a intermediação, fazendo com que os produtos passem diretamente do produtor ao consumidor evitando a intermediação. Esta, como é óbvio, vive nas costas dos dois e alimenta fartamente os poderes públicos com os diversos impostos que recaem sobre cada intermediário. Foi Rochdale o berço da primeira cooperativa de consumo, que tomou o nome significativo de: “Rochdale Society of Equitable Pionneers”.

O ideal daqueles pioneiros, suas ansiedades, o riso, a incredulidade dos amigos e vizinhos, o combate dos intermediários, foram se repetindo com poucas diferenças em todas as iniciativas cooperativistas, não fazendo exceção com os 32 pioneiros que em 1912 lançaram as bases da atual cooperativa Santa Clara, de Carlos Barbosa.

Começou pequena, humilde, com pouco mais de uma centena de litros de leite. Hoje frutificou a ponto de possuir 1.600 associados e ter capacidade para industrializar até 80.000 quilos de leite diariamente. Possui ainda uma criação modelar de porcos para o aproveitamento dos resíduos do leite, matadouro, fábrica de ração, moinho de trigo, duas lojas e secção de produtos veterinários.

Nesta data, José F. Gedoz era um jovem de 16 anos. Certamente ouvia dos fundadores, dos agricultores vizinhos toda a problemática da cooperativa. Levado pela intuição e pioneirismo dos fundadores, como dos pioneiros de Rochdale, quase um século antes, vestiu a camiseta do cooperativismo e a levou até o túmulo.

Não se conhece uma reunião de cooperativa em que José F. Gedoz não tenha participado . . . Chegava sempre a tempo. Falava com os companheiros, procurando aprofundar e conhecer os assuntos propostos para a reunião. Tomava seu lugar, sempre o último. Durante a reunião quase não falava. Ficava escutando e por fim, com destemor respeitoso dava sua opinião, ainda que contrariasse a muitos, ou a direção. Mas, dizia, e em geral sua opinião era a melhor, a mais sensata e equilibrada. Não se contentava com as reuniões. Quando alguma idéia precisava ser tratada, motivada entre os associados, lá ia o nosso “BEPPI SCÚRIA” (1) a cavalo da sua fiel mula, de casa em casa, para doutrinar, convencer, mas sempre dum modo respeitoso e delicado. Queria convencer e não vencer, impondo.

Era admirável o bom senso deste homem! . . . Nas longas conversas, que muitas vezes mantivemos, manifestava sua preocupação com as ASSEMBLEIAS das cooperativas. Se elas devem existir para satisfazer os estatutos, podem se prestar muito bem para manipulações

dos associados, obtendo deles as aprovações mais absurdas e até contra os interesses dos associados.

Vejam algumas destas manipulações e falhas das assembléias:

- 1 — Os dirigentes se demoram demasiadamente em explicar balanços, com detalhes inúteis. Os associados estão interessados em balanços curtos, concretos e que digam o que ganharam ou perderam, quantos lucros ou dívidas . . . Em vista destas demoras, os assuntos mais sérios, como votações e decisões fundamentais de ordenados das diretorias, ficam bem para o fim, quando todos estão cansados e sentindo o cheirinho do churrasco, ou estão com a boca seca, com vontade de um aperitivo.
- 2 — Com a desculpa do pouco tempo, as decisões, votações mais sérias são feitas a toque de caixa, com o famigerado sistema de “senta” ou “levanta”, ou seja: “Quem estiver contra, levante . . . ou sente. . . Os pobres associados nem tem tempo de pensar e decidir e já se grita: “Está aprovado!”
- 3 — Os associados tem receio de falar diante de todos na assembléia . . . Não sabem falar direito. Ficam nervosos. Se exaltam logo . . . Temem que ninguém os apoie e com isto caíam no ridículo . . . Conseqüentemente calam e falam depois durante o churrasco ou nos balcões das vendas, diante dum trago de cachaça.
- 4 — Certas decisões importantes, merecem um debate ordenado, trocas de idéias entre associados, estudos de pessoas competentes, com tomada de dados complementares. Tudo isto numa assembléia é impossível . . .

José F. Gedoz não se contentava somente em ver as falhas. Procurava, apontava soluções e logo as propunha procurando praticá-las.

Segundo ele, as assembléias deviam ser preparadas em pequenos grupos de associados, nas comunidades do interior. Alguém da Diretoria, iria a estes grupos de associados e na simplicidade, na liberdade sem medo, exporia os assuntos importantes a serem aprovados na assembléia. Daria todos os esclarecimentos solicitados, ouviria as críticas, prepararia enfim, o associado para a assembléia, para que quando soubesse do que se tratava, votasse tranqüilamente. Isto foi colocado em prática, quando da fusão das duas cooperativas de Carlos Barbosa: A Santa Clara e Agropecuária de Carlos Barbosa, com idênticas finalidades e quase com o mesmo quadro social. Tudo foi preparado nas bases com os associados, que estavam motivados para uma decisão, por votação secreta. Na assembléia alguém quis simplificar as coisas e decidiu pelo “Senta-levanta”. A reação foi imediata e a fusão não foi aprovada. Houve necessidade de outra motivação nas bases, em grupos. Na segunda assembléia, com mais calma, por eleição secreta, a fusão foi aprovada. Hoje rende polpudos dividendos a todos.

Além deste problema existe outro, também muito sério. Estamos hoje com a palavra de ordem do dia, chamada “PARTICIPAÇÃO”. Ora para que haja participação, devem ser montados mecanismos que façam com que os associados possam participar . . . Alguns destes mecanismos são: 1 — Um jornalzinho que informe aos associados tudo o que se passa, afinal são eles os donos da Cooperativa. 2 — Cursos de formação Cooperativista. Realmente muitos sócios não tem noções exatas de cooperativismo . . . Tratam sua cooperativa como se fosse um comércio

que compra seus produtos . . . Pois bem, uma das missões das diretorias é educar os associados, existindo inclusive um fundo de reserva, justamente para esta finalidade. 3 — As diretorias eleitas ou contratadas, com a finalidade de poder trabalhar mais, escondem-se atrás de gabinetes de trabalho, cercados por gentis secretárias que, como todas as secretárias, aprendem logo as tradicionais mentiras: “O Dr. fulano não está! . . . Ou está em importante reunião, venha amanhã. Ou ainda: Espere um minutinho” que como é óbvio, nunca tem sessenta segundos . . . Lá vai o pobre associado sem ser atendido, sem ser ouvido por aqueles que ele paga para atendê-lo. . . para resolver os seus problemas. E assim vão se criando distâncias, reservas, ressentimentos, críticas e revoltas. . . Não haverá para isto uma solução? Parece que hoje existe uma figura que poderia entrar nas nossas cooperativas: Um **RELAÇÕES PÚBLICAS**, bem informado e com autoridade para responder e decidir, sempre de acordo com a Diretoria.

Os associados das Cooperativas, bem motivados e bem tratados, com exceção de algum cabeçudo que nunca devia ter ingressado em cooperativa alguma, são capazes de muitos sacrifícios e colaboração.

Na Cooperativa Santa Clara tivemos provas cabais disto, quando houve necessidade de assinar promissórias, de valores elevados, para que os bancos financiassem imóveis novos da Cooperativa. Feitos os devidos esclarecimentos em grupos pequenos, respondidas todas as dúvidas os associados colaboraram tranqüilamente, e foi possível levantar grandes empréstimos bancários a juros módicos e a longo prazo.

Sem a participação dos associados, as cooperativas não passam de meras instituições comerciais que só visam lucros e não a promoção econômica e social dos associados. Estes ao invés de serem agentes e sujeitos de sua promoção, passam a ser objetos passivos e facilmente manipulados pelo dragão do lucro que sempre tem uma fome insaciável. Foi por isto que José F. Gedoz afirmava categórico: “Para uma cooperativa o importante não é o lucro ou o dividendo no fim do balanço, mas vender bem os produtos dos associados e com a maior participação possível dos mesmos nas decisões da cooperativa”.

Nos quentes anos políticos de 1960 a 1965, um grupo político partidário se apossou da direção da Cooperativa. José F. Gedoz, como tradicional e ativo militante do Partido Libertador, via seus passos e iniciativas barradas e nunca ouvidas. Lutava para que a política partidária não entrasse na Cooperativa, pois esta pertencia a todos os associados, que militavam nos diversos partidos. Mas tudo parecia inútil. Então nosso “Beppi Scúria” começou as suas andanças, de casa em casa. Motivou de tal forma os associados, que na eleição da nova Diretoria, a diretoria partidária, foi derrotada. Isto lhe custou a perda de preciosas amizades. Quem saiu vencendo foi o ideal cooperativista e a própria cooperativa que podia abrir os braços para todos os agricultores. . .

Nos últimos anos de vida de José F. Gedoz, a “nossa” cooperativa, como ele sempre dizia e para ele este “nossa” tinha um sentido muito especial, conheceu alguns pontos altos que deixava este inveterado

cooperativista muito feliz:

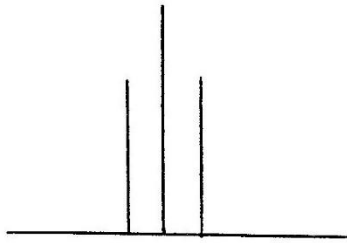
1 — No dia 15 de março de 1975 viu a fusão das duas cooperativas de Carlos Barbosa, que possuíam as mesmas finalidades e quase os mesmos associados.

2 — No dia 22 de setembro de 1977 após longos debates, foi efetivada a Incorporação de uma Cooperativa do vizinho município de Veranópolis com um capital de Cr\$ 3.000.000,00 e uns 600 associados que hoje recolhem mais ou menos 10.000 litros de leite por dia, possuindo moderno posto de refrigeração do leite, e um moderno moinho de trigo, com Registro de elevado valor.

3 — Nas últimas viagens que José F. Gedoz fez a Carlos Barbosa, passava em frente da nova Usina de Leite que aos poucos surgia ampla, moderna e com capacidade para 80.000 litros diários. Não chegou a vê-la concluída. Mas recordo que, em certa oportunidade, estava planejando a festa de inauguração, saboreando antecipadamente, mais uma vitória dos associados substituindo a velha usina que servira 60 anos ou mais. Infelizmente não pôde estar presente na inauguração, pois já tinha morrido. Certamente, lá do céu, deve ter acompanhado aquela inesquecível solenidade do dia 25 de novembro de 1978. Estavam presentes as mais altas autoridades do Estado. O Governador, Synval Guazzeli, vários secretários do estado, autoridades cooperativistas do estado, e uma multidão de associados e convidados. Houve solene Missa celebrada por D. Paulo Moretto, Bispo de Caxias do Sul. Foi dada a Bênção às novas instalações. Depois foram abertas à visitação de todos. Ao meio dia, no salão paroquial de Carlos Barbosa, foi oferecido um churrasco para 1.600 pessoas, para comemorar este inesquecível acontecimento.

No meio de todos aqueles associados, realmente faltava uma figura simpática e serena, de cabelos brancos: O nosso José Felix Gedoz. Poucos, como ele, teriam saboreado e sentido a felicidade desta festa.

(1) "Beppi Scúria" ou José chicote... O José F. Gedoz sempre fazia suas campanhas a cavalo numa mula fiel e usava um chicote — "Scúria" com cabo trabalhado em madeira e a ponta de couro trabalhado... era mais um objeto sem uso mas que fazia parte de todos os apetrechos dum cavaleiro.



Quase no fim da vida José F. Gedoz ainda fez curso de Cooperativismo e recebia o certificado de outro grande cooperativista Dr. Francisco Borsatto, o diploma do Curso.

Político Atuante

A vida de José F. Gedoz decorreu num período de muitas evoluções políticas no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Viveu tempos difíceis, de lutas internas no estado, entre Borgistas e Assisistas. Lutas que por vezes foram sangrentas e vingativas.

Recordo que, ainda pároco em Antônio Prado, atendi um senhor que respondia pela alcunha de “João Grande” e que em vida fora o carrasco dos borgistas. Contava-me como fazia para “passar a gravata” ou seja degolar os inimigos. “Eram amarrados em postes e árvores. — Eu afiava bem o meu facão, depois enfiava os dedos nas ventas. . . e com jeito um só golpe era suficiente”. “Não sentia escrúpulos o pobre velho, pois dizia que eram os chefes que mandavam e não via muita diferença entre “passar a gravata” e matar a bala ou a baioneta numa luta direta. Nem se havia dado o trabalho de contar quantos degolara: “Todos os que eles mandavam”. Esta região da serra, conhecera incursões ora de borgistas, ora de assisistas, havendo mortes, saques e muitas vinganças de chefes locais.

Mais tarde, veio a revolução de 1930, liderada e vencida por Getúlio Vargas. Com o “Estado Novo” a política partidária foi congelada. Mas no sangue de José F. Gedoz sempre estavam os ideais do Partido Libertador, levado adiante por um grupo de intelectuais e fazendeiros, poucos, mas aguerridos e que propunham reformas profundas, especialmente o sistema parlamentarista de governo. Alguns os comparavam aos maribondos, pois eram poucos, brabos, vermelhos (usavam lenços vermelhos) e não faziam mel.

Eram idealistas e lutadores, embora nunca tivessem vencido para governos estaduais. Seus deputados e alguns prefeitos se destacavam na luta pelos ideais parlamentaristas e democráticos. . .

Com a revolução de 1964 todos os partidos foram extintos e nosso José F. Gedoz preferiu ficar com a ARENA e com o mesmo entusiasmo de antes dedicava-se às lides partidárias.

Na época das eleições, José F. Gedoz era um dos “cabos eleitorais” mais procurados pelos políticos, pois ele ajudava mesmo, naquele seu modo de agir. . . visitar eleitores de casa em casa e tentar convencê-los. Todos lembram como ele, muito jeitoso, entrava no assunto, expunha seus pontos de vista para convencer e nunca insistia demais. . . Delicado e simples plantava a semente e esperava os frutos na hora de abrir as urnas.

É de todos conhecido o fato de que, em certa oportunidade, o candidato adversário à prefeitura de Garibaldi, venceu as eleições. E José F. Gedoz foi festejar a vitória do mesmo. Foi cumprimentá-lo, felicitá-lo e quando alguns companheiros o criticaram por esta atitude,

ele de pronto respondeu: "Ele foi meu adversário, não meu inimigo". "Quando alguém é eleito, é prefeito de todos, e não só dos correligionários".

Tudo isto demonstra, neste homem simples, um aguçado sentido do bem público, da corresponsabilidade de todos pelo município, pelo Estado e pela Pátria. Uma demonstração interessante deste sentido do bem público foi quando na seca de 1978, poucos meses antes da morte, do José F. Gedoz, todas as rádios e Tv, apelavam para que se economizasse energia elétrica. . . quase ninguém ligou a isto, mas o José, na sua casa apagava religiosamente todas as lâmpadas, desligava TV e rádios e ia dormir cedo. Era corresponsável! Se alguma falha ele teve neste setor da política partidária, é ter sido bom demais. Ele não podia sequer sonhar que um candidato que o houvesse procurado para que ele o ajudasse, pudesse mentir, prometer e depois não cumprir. Era sincero demais e os candidatos irresponsáveis demais. Por isto, teve algumas sérias desilusões frente aos eleitores, que ele convencerá e depois se viram esquecidos dos candidatos votados.

Para todos, porém, fica o exemplo de José F. Gedoz, por causa da sua participação ativa e serena na política partidária, participando das campanhas eleitorais, propagando idéias renovadoras, fazendo com que os eleitores se sentissem mais corresponsáveis pelas coisas públicas.

Por isto depois, já comprometido, levava adiante iniciativas de estradas e escolas. Falava com os prefeitos e deputados, exigindo deles os melhoramentos prometidos.

Sempre existiram pessoas, como ainda existem, que levadas por vinganças ou por motivos altruístas, se opõe à construção de novas estradas. Quando foi construída a nova estrada, (hoje asfaltada) que liga Torino a Carlos Barbosa, passando pela Cooperativa Santa Clara, encurtando muito o trajeto, um senhor achou de se opor de modo violento. Armado de um porrete, escondido dentro das calças, esperou José F. Gedoz que por lá passaria a cavalo, na sua fiel mula, para acertar as contas. Quando José F. Gedoz chegou, nosso homem nervoso e espumando de raiva começou a agressão com palavras ofensivas, querendo logo chegar à agressão física. José F. Gedoz manteve a calma, deixando o homem dizer o quanto quisesse, mas sem reagir da mesma forma. Com bondade e calma conseguiu acalmar o homem. Depois passou à ofensiva, mas sempre com bondade, chamando a atenção para o cacete, que tinha escondido, fazendo ver que não é esta a forma de se discutir e de se obter o que se quer. A força é só para os que não podem apelar para a razão e bom senso. . . Alguém, que não muito longe estava assistindo a cena, ficou admirado como José F. Gedoz conseguiu desarmar o irado homem e ainda dar uma lição de convivência humana e perdão. Dali em diante, ficaram amigos e a estrada foi aberta. Hoje além de servir a toda a comunidade, super-valorizou os terrenos do mesmo senhor.

Todos recordam a atuação política de José F. Gedoz, mas ninguém recorda ações violentas, brigas por motivos políticos. Neste aspecto da participação política ele foi um exemplo de atuação e corresponsabilidade.

Uma velha batalha do político José F. Gedoz e hoje umá grande realidade é a atual estrada São Vendelino. Amigo e correligionário do então Prefeito de São Sebastião do Caí Egídio Michaelsen, mais tarde Deputado Estadual, manteve contínuos contatos com os prefeitos de Garibaldi, sempre martelando na mesma tecla. . . A Estrada São Vendelino. Mediante estes contatos, entrou em cena outra pessoa, o Sr. João Dentice que veio trabalhar em Garibaldi e foi devidamente motivado durante muitos anos sobre a necessidade desta estrada. Quando mais tarde o Sr. Dentice foi Chefe da Casa Civil do Governador Peracchi Barcellos, a estrada foi construída, mas no início da idéia esteve o político José F. Gedoz que na hora das festas e inauguração ficou esquecido e na sua humildade nem sequer se queixou, mas vibrou com a concretização desta moderna rodovia.

LEITE E MAIS LEITE

Os emigrantes que se fixaram no Alto da Serra do Mar, inclusive os suíços, ou "franceses" foram se desenvolvendo por própria conta e sem orientação de ninguém. Só muito mais tarde os poderes públicos organizaram entidades de promoção técnica, como a ASCAR, hoje EMATER.

Como foi dito acima, a comunidade barbosense tem uma dívida eterna para com o Agrônomo Sadi Manfredini que teve em José F. Ge-doz, um dos mais fiéis discípulos, mas que continuou a ser fiel aos sucessores do Sadi e dificilmente passava uma semana sem que ele vis-
tasse os escritórios da ASCAR, hoje EMATER, onde sempre era recebido com alegria e respeito, pois vinha propor iniciativas, perguntar e esclarecer dúvidas.

Algumas regiões evoluíram para o cultivo da parreira, outras para o plantio do trigo, milho, criação de porcos. Em Carlos Barbosa preferiram o gado leiteiro e o cultivo de batatas. Desta forma nossos agricultores progrediram de modo invejável. É simplesmente lastimável que os poderes públicos não conheçam e reconheçam o valor da pequena propriedade. Pois muitos políticos e governantes possuem mentalidade absurda, ou seja de que a pequena propriedade é improdutiva e apenas de subsistência.

Por causa desta mentalidade é que saem projetos para grandes empresas agrícolas, que supõe um grande latifúndio, com muita mão de obra assalariada, como acontece em todo o centro e norte do Brasil.

A realidade é que nas residências dos nossos agricultores vemos conforto que nas residências dos agricultores assalariados não existem: 1) Residências boas e confortáveis, com bonitos móveis e eletro-domésticos. 2) Paiol com depósitos de alimentos para a família e para animais domésticos. 3) Vacas leiteiras para comercializar o leite, mas também para o consumo de casa. 4) Chiqueiro com alguns porcos também para o consumo e para o comércio. 5) Galinheiro para ter carne e ovos a toda hora. 6) Uma HORTA com muita e variada verdura. 7) Um FORNO para fazer pão, tão substancioso e que hoje alguns, não sei por quê, abandonam para comprar pão duro da cidade.

Tudo isto, bem avaliado e aproveitado, dá um bem estar invejável aos nossos agricultores que são donos de um pequeno império, onde existe de tudo, principalmente liberdade de ação, ar puro e alimento abundante. Que o digam os filhos e parentes que, morando nas cidades, aos sábados e domingos vão visitar os pais. . . . Nunca esquecem sacos, cestas e na hora da saída levam de tudo! . . . abóboras, lenha, frutas, ovos, banha, espigas de milho, etc. etc. E teimam com os pais, que lhe dão tudo isto, que a vida na cidade é muito melhor!

Em Carlos Barbosa, graças ao esforço dos que fundaram a cooperativa em 1912, quase todos partiram para o gado leiteiro. Devemos reco-

nhecer que foi uma opção válida. Deu bons resultados ao longo destes anos, pois conseguiram um bem-estar igual ou melhor do que os vizinhos que se dedicaram à uva e vinho.

Já dissemos que José Felix Gedoz se dedicou à criação do gado Jersey. E sabia muito bem dizer as vantagens destas vaquinhas, do leite com mais gordura, caseína e com maior convertibilidade dos alimentos. Foi pioneiro em toda a região do silo para pastagens e da inseminação artificial. Mas, não era dos que se contentavam e achavam que haviam progredido demais.

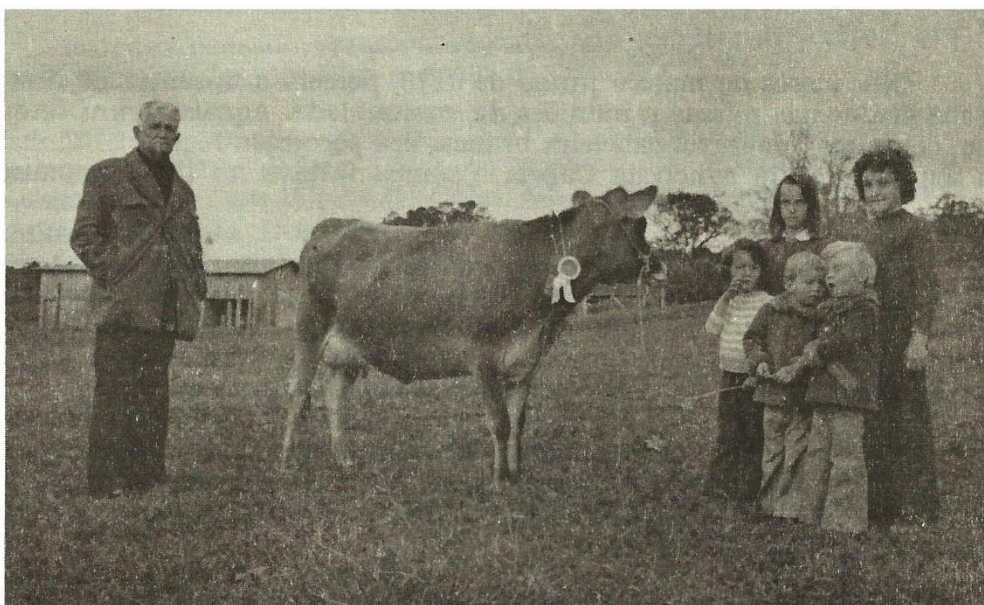
Alguns meses antes da sua doença final, no salão da capela do Torino participava, ao meu lado, de uma reunião promovida pela paróquia, a qual nesta oportunidade, proporcionava aos associados uma palestra de um veterinário da EMATER. Dr. Diogo Guerra. O assunto era gado leiteiro. . . O veterinário propunha alguns progressos e melhorias importantes:

E explicava: a) O estabulamento do gado é costume europeu, que nossos antepassados trouxeram. Mas lá existe pouco terreno, frio rigoroso e prolongado. b) Aqui existe terreno de sobra para fazer pastagens artificiais, bem tratadas. Então se deve deixar o gado pastar à vontade evitando o trabalho enorme de cortar e carregar pasto para a estrebaria. c) O nosso clima não é tão frio e o gado, com saúde, aguenta muito bem até com alguns graus abaixo de zero, podendo assim ficar ao ar livre e desta forma a vaca fica limpa, sem aquele esterco grudado, porque deita no chão sujo das estrebarias. A sujeira dos estábulos além do mais é causa de muitas doenças e da famigerada mamite. d) Evita-se também o trabalho tão desagradável da limpeza dos estábulos, com montanhas de esterco que depois fica sendo perdido em esterqueiras mal feitas, ao sol e a chuva. Deixando as vacas nas pastagens, o esterco é depositado na própria pastagem e aproveitado pelo pasto em desenvolvimento. e) Com isto a pastagem deve ser rotativa, ou seja possuir cerca eletrificada, fácil de manejar para fazer com que as vacas pastem sobre pastos já maduros, deixando crescer em outros lugares.

Sempre ficam os Silos para as épocas difíceis do inverno e os prados com pasto seco, o feno, que também se faz necessário juntamente com o pasto verde.

José F. Gedoz estava atento e não perdia uma só palavra do que o jovem veterinário dizia: . . . No fim virou para meu lado e disse: “Pena que já estou velho! . . . Mas faria tudo isto que ele disse, pois é o certo. . . “Comentamos depois o quanto tempo se perdeu, quanto trabalho inútil cortando pasto, limpando estábulos, quando era tão fácil e simples.

Hoje, realmente muitos aprenderam a lição e estão praticando este sistema com bons resultados. . . Uma só pessoa cuida de muitas vacas e rende muito mais em leite, em saúde, em limpeza. Os que praticam este novo sistema estão satisfeitos e mais pessoas estão procurando imitar.



Em agosto de 1975, na Exposição Estadual de Esteio a Jersey de José F. Gedoz foi premiada com 1.º lugar. Mostra a Vaca, junto com os netinhos



Junto com Guerino Baldasso, os dois pioneiros nos tratamentos Veterinários do gado leiteiro, em Carlos Barbosa.

A MORTE DE UM JUSTO

Nos meses de maio e junho de 1978, percebi a ausência de José Felix Gedoz nas missas e reuniões da comunidade. Aquela figura serena, com uma venerável cabeleira branca, era percebida logo! . . . Tinha o seu lugar num banco da Capela e nunca faltava na fila da comunhão.

Perguntei a um dos filhos, o que havia com o nosso amigo José. Respondeu-me que não estava bom e gostaria que o padre fosse vê-lo e levar a comunhão. Imediatamente corri para sua casa, encontrando muitas pessoas, parentes e vizinhos com sinais de tristeza, mas todos lá, ao redor da cama ou na ante-sala do nosso doente.

Confessou-se com plena consciência, com uma humildade e tranquilidade impressionantes. Recebida a Comunhão, sempre rezando junto, perguntei se desejava receber também a Unção dos Enfermos, ao que logo concordou.

Deitado numa cama simples, destas camas de madeira, num quarto igualmente simples, apenas com uma mesinha e cômoda para as suas poucas roupas. Lá estava aquele homem que tanto amou os irmãos, os familiares, que deu tudo de si para que os outros progredissem! . . . Agora estava completamente pobre, sem nada. Mas estava sereno, consciente e não demonstrava medo nem manifestava estar sofrendo. Uma enorme cabeleira branca como a neve, o rosto bem amarelado, pois o câncer que o devorava estava atacando diretamente a bÍlis e o fÍgado.

Terminada a cerimônia da Unção dos Enfermos, que ele acompanhou rezando junto com o padre, os filhos e parentes, eu quis brincar um pouco com o José. Perguntei o que ele gostaria comer... Respondeu, que só podia engolir um pouco de leite. Retruquei logo: "Mas só pode ser das yaquinhas Jersey" que sempre foram sua paixão. Ele com voz fraca e embargada respondeu: "— É o melhor!"

Usando aquela bondade de sempre, não parava de agradecer ao padre que o fora atender proporcionando-lhe o conforto dos Sacramentos da Igreja que ele sempre amara e defendera. Fez questão que no dia seguinte o padre fosse levar mais uma vez a Comunhão, o Cristo que ele tanto amou de forma prática, na promoção dos irmãos, membros do corpo místico deste Cristo. Conservou o uso dos sentidos até o fim. Conservava, ao mesmo tempo, paz e serenidade. A cada momento parentes e amigos se aglomeravam mais e mais ao redor da sua casa.

No dia 14 de junho de 1978 entregava sua bela alma ao Criador.

No dia imediato nosso José Felix Gedoz recebeu uma última consagração. Foi necessário celebrar missa campal, pois a sua capela, To-

rino, era pequena demais para receber todos parentes, amigos, políticos, adversários políticos, dirigentes de cooperativas e quantos, quem sabe, arrependidos por não ter seguido o exemplo ou os conselhos deste homem, agora, ao menos agora, iriam reconhecer sua personalidade, sua bondade, o seu devotamento na promoção dos agricultores, nos aspectos sociais, econômicos e religiosos.

As cerimônias, os cantos e os discursos foram realmente a consagração aqui na Terra, pois no céu a recompensa será justa e merecida.

— * —

O surgimento de imitadores do José F. Gedoz será a maior recompensa que o autor espera.

ESTA PUBLICAÇÃO É UMA GENTILEZA DA:

**PREFEITURA MUNICIPAL DE CARLOS BARBOSA
FAMILIARES DE JOSÉ FELIX GEDOZ
COOPERATIVA STA. CLARA DE CARLOS BARBOSA
SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE
CARLOS BARBOSA
PARÓQUIA N. SRA. MÃE DE DEUS DE CARLOS BARBOSA**